

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
R. de S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Christo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 423

Assignaturas

AVEIRO — Um anno, 1320 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1330. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

PRINCIPIOS

Escreve-nos outra vez o assigante, a dizer nos:

«Tem você razão em muitas coisas. Mas sobretudo quando diz: «As duas grandes chagas da humanidade, as maiores forças de reacção, a igreja e o exercito, são exactamente as forças mais respeitadas, quasi veneradas, pelos que se dizem republicanos em Portugal.» Tem razão. Não posso deixar de reprovar a grande falta de democracia que os republicanos tem posto em toda a sua propaganda. Digo, como você, que é isso um attentado aos principios e aos proprios interesses partidarios. Esse caminho póde servir a reacção. Não serve a causa da republica democratica, unica republica que, como republicano, admitto.»

Pois ainda bem que concorda. Mas não conhece a centessima parte dos motivos que nos levam a considerar o militarismo um grande cancro social, o maior estorvo, com o clericalismo, á civilisação, ao progresso, d'este como de todos os paizes do mundo, emfim, á marcha da humanidade.

Que, para adquirir essa convicção, basta attentar no que se passa ha pouco mais d'um anno em Portugal.

Que resultou, por exemplo, da revolta dos marinheiros? Resultou a satisfação immediata de todas as exigencias dos officiaes do exercito e dos officiaes da armada.

Não ha duvida nenhuma, como se disse na occasião, que a causa capital da insubordinação dos marinheiros foi a falta do cumprimento do dever militar por parte dos officiaes. Se estes não abandonassem os navios, ou se nos momentos em que estavam dentro d'elles não praticassem actos por demais irregulares, não teriam lavrado os motivos que explodiram na insubordinação.

Não ha tambem duvida nenhuma que os marinheiros se portaram, afinal, como cordeirinhos mansos. Podiam ter causado damnos gravissimos. Podiam ter posto em sério risco as instituições, pois ninguém sabe, no estado em que se encontram as coisas n'este paiz, onde, uma vez ateado, o fogo, que arde silenciosamente ha muito tempo, irá parar. E' muito possivel, é, até, muito provavel, que vá parar a um grande incendio, onde o throno, como de madeira secca e bem secca que é, desapareça n'um instante.

Não ha duvida, ainda, que os marinheiros se fiaram em promessas que lhe foram feitas por alguns dos seus chefes e que, depois, sem castigo para estes, sem protesto da parte d'estes, sem revolta, que era caso para mais do que protesto, e revolta por não serem castigados, unica maneira de manterem o seu prestigio aos olhos dos soldados, não foram mantidas, não foram respeitadas.

N'estas condições, o dilemma estava posto. Era um só o caminho a traçar. Ou se castigavam officiaes e soldados, ou, não se castigando os officiaes, não se castigavam os soldados.

A equidade mandava que se castigassem exclusivamente, ou, pelo menos, de preferencia, os officiaes. Mandava o proprio regulamento militar. Mas postas as coisas no terreno d'uma toleravel iniquidade, que é ingenuidade admitir outro com a organização actual da sociedade, que se castigassem, ao menos, tanto officiaes como soldados.

O que succedeu, porem? Succedeu o que todos sabem, e o que, por criminoso cumplicidade dos jornaes republicanos de grande publicidade, a grande maioria ignora. O que todos sabem é que os pobres soldados foram cruelmente castigados. Mas o que ignoram quasi todos é que os officiaes foram recompensados.

Não havia allegação possivel, não havia justificação admissivel para o facto dos officiaes de serviço abandonarem os navios. Os officiaes de marinha estavam precisamente, quando os navios ancorados no Tejo, nos casos dos officiaes do exercito. Estes vão durante o dia, umas horas, ao quartel. Das onze horas ás tres horas da tarde, o maximo. Onze horas é a hora de entrada regulamentar. A hora de sahida é a hora do toque da ordem, e toca á ordem quando o commandante quer, até ás tres horas da tarde. O regulamento não permite que o commandante mande tocar á ordem depois das tres horas da tarde senão em casos exceptionaes. Ora raro é o official que entra no quartel ás onze horas da manhã. Entra sempre depois d'essa hora. E raro é o commandante que manda tocar á ordem ás tres horas da tarde. Manda quasi sempre tocar antes d'essa hora. D'esta fôrma, o sacrificio dos senhores officiaes do exercito, que tanto dinheiro custam ao paiz, não vae alem de duas a duas horas e meia, o maximo tres, de palestra ou de gamão, dentro dos quartéis, todos os dias. Todos os dias, não. De oito em oito dias soffre o capitão o tormento de ser, por vinte e quatro horas, inseparavel do quartel. E o mesmo tormento soffre o subalterno, mas esse só de quinze em quinze dias, termo médio. Unas vezes folga mais, outras vezes folga menos. O capitão faz o chamado serviço d'inspecção. O subalterno faz o chamado serviço de prevenção. Serviço de escala, que, como facilmente os *prizanos* julgarão, corre, alternadamente, por todos os capitães e por todos os subalternos.

Ha, pois, todos os dias, dois officiaes *inseparaveis* do quartel, em cada regimento. O sahir do quartel importa para esses officiaes uma grande responsabilidade. Perante o rigoroso espirito do regulamento, deve se levantar auto de corpo de delicto áquelle que o fizer. Não é uma simples infracção disciplinar. E' um crime.

O que acontece nos quartéis acontece, analogamente, nos navios ancorados no Tejo. Os officiaes de mar vão ao seu navio, como os officiaes de terra vão ao seu quartel. Vão depois de almoço, e veem antes, muito antes, de jantar. Salvo os de serviço, os *inseparaveis* do navio, que não sabemos quantos

são, mas que não poderão ser mais que no quartel. Nem estes ficavam nos navios? Assim o disseram os jornaes quando foi da insubordinação dos marinheiros. Fez-se essa affirmção categoricamente, e não foi desmentida por ninguém. Os officiaes de serviço, os officiaes por lei *inseparaveis* do navio, vinham passear a terra e em terra se demoravam o tempo que queriam. Era um facto incontestado. Era uma verdade.

Mas era um crime! Qual foi o castigo applicado a esse crime?

Vão ver.

Os officiaes allegaram que não podiam, que não deviam ficar no navio sem as gratificações de bordo. Como se estivessem na Guiné, ou em Timor! Imaginem a monstruosidade! E como não podiam ficar a bordo sem as gratificações de bordo, não só não foram castigados enquanto os marinheiros, os cordeirinhos mansos, eram processados, julgados, e condemnados ás penas mais severas, por uma fôrma crudelissima, como se ordenou que lhes fossem de futuro abonadas as gratificações como se estivessem... em Timor ou na Guiné! E para que não restassem duvidas assignou-se Guiné um bocado de Tejo a oeste da Torre de Belem e Timor... o quartel dos marinheiros!

Todos os officiaes em serviço nos navios surtos no quadro de Belem, e todos os navios, se n'este ponto não estamos em erro, para ahí foram mandados, passaram a ter gratificação de bordo. Como a passaram a ter — o que é ainda mais pittoresco — os proprios officiaes em serviço no quartel de marinheiros!

O commandante do corpo de marinheiros vivia dentro do quartel. Ah! continou vivendo, com sua familia. Mas como o quartel de marinheiros passou, de repente a ser considerado um... recanto de Timor, como o commandante do corpo de marinheiros se viu, de repente, a centos e centos de leguas da sua familia, com despezas dobradas, sujeito aos rigores do clima, obrigado a precaver-se contra esses rigores, ficou recebendo para comedorias, d'esse momento em diante, mais... **duas libras por dia!!!**

E os outros officiaes, na devida proporção, analogamente.

Eis para que servia a insubordinação dos marinheiros. O soldado, carne de canhão, foi para os presidios d'Africa morrer, ou largos annos apodrecer. O official, essencia etherea, não só não commetteu nenhuma infracção como se tornou merecedor da mais larga recompensa. E era justo. Não fez um d'elles, depois, a provar o seu patriotismo, uma profunda dissertação sobre o respeito devido á bandeira? Não gastaram os diarios republicanos, eximios e exaltados patrioteiros, tres columnas a dar publicidade a essa dissertação? Não acharam bem, os diarios republicanos, os eximios, os excelsos, os gloriosos, os exaltados patrioteiros, que o Tejo fosse Guiné, e que fosse Timor o quartel dos marinheiros? Acharam, e tanto que nenhum d'elles teve uma palavra de protesto contra essa monstruosidade. Não acharam bem, os grandes amigos, os redemptores da patria, que os officiaes recebessem desde duas libras até cinco mil réis por cabeça, por estarem na Guiné do Tejo e em Timor d'Alcantara? Acharam, e tanto que nenhum d'elles, apesar

de tantos e tão justos clamores contra os adeantamentos, disse uma palavra contra esse grande escandalo, que, pela origem e pelo fim, faz parte integrante do grande regimen dos adeantamentos.

E como dize-lo? Pois não é a marinha, pois não é o exercito o porta bandeira do patriotismo? E não são os republicanos decididos patriotas?

Sagrada patria, sagrado exercito, sagrada marinha! O glorioso exercito, a gloriosa, a briosa marinha de guerra!

Toda essa dictadura feroz que ahí está se apoia na sagrada marinha e no sagrado exercito. Tem João Franco contra si todos os partidos, a opinião quasi unanime do paiz. Quem o apoia? Quem apoia o rei absoluto que quer que João Franco governe contra a vontade quasi unanime da nação? O glorioso exercito, os briosos e patrioticos officiaes que juraram defender a nação dos seus inimigos internos e externos.

Como obteve João Franco, como obteve mais alguém, tão sólido apoio? A fazer concessões sobre concessões aos gloriosos, briosos, patrioticos officiaes, sendo a ultima d'ellas augmento de soldo, auxilio para renda de casa, melhora de subsidios de marcha e residencia e... transferir Timor para Alcantara e a Guiné para Belem. Tanto bastou para que os patrioticos officiaes defendessem a nação dos seus inimigos internos... da propria nação, que quasi unanimemente se manifesta contra o absolutismo que nos rege.

O exercito defende... a nação da propria nação. E' o mais a que póde chegar o patriotismo!

Sem a força publica, é claro que não estava rota a constituição, que não imperava o despotismo, que não nos pisava aos pés a dictadura. Sem a força publica, é claro que a normalidade constitucional seria um facto ha muito tempo. Ninguém tem, ninguém pode ter duvidas n'esse ponto. E, d'essa fôrma, fica mais uma vez provado que o exercito, sendo uma teia de aranha para nos defender do estrangeiro, é um enorme trambolho, um formidavel obstaculo no caminho do nosso progresso social e politico.

Cem vezes, um milhão de vezes tem dicto os monarchicos, tem dicto os proprios officiaes do exercito na imprensa e no parlamento, que o exercito está longe, muito longe, de poder defender a patria da invasão estrangeira. Assim esteve, assim tem estado sempre desde o famoso desastre d'Alcacer Quivir. Para nos defendermos dos hespanhoes, na restauração, tivemos de chamar Schomberg primeiro, o conde de Lippe depois, e com estes centos de officiaes e milhares de soldados estrangeiros. Para nos defendermos dos francezes tivemos de chamar os inglezes, que alem de nos auxiliarem com um exercito pozeram Beresford e uma legião d'officiaes á frente das tropas portuguezas. E só assim se conseguiu que ellas valessem alguma coisa. Para expulsarmos o D. Miguel, que tinha do seu lado a immensa maioria do exercito, foi preciso, como sempre, recorrer ao estrangeiro, que nos deu numerozinhos officiaes d'altissimo valor, alguns, como Napier, de influencia decisiva. Foi a sciencia d'esses officiaes, a que se juntou a sciencia

d'uma pequenissima elite de officiaes portuguezes, foi, sobretudo, á espantosa burrice dos officiaes do exercito miguelista, como á espantosa burrice, em tudo e por tudo, de quasi todos os dirigentes miguelistas, espantosa burrice que os constitucionaes, é agora os republicanos, herdaram fielmente, que se deveu, eutão, o triumpho da causa liberal, que se deveu a derrota do absolutismo.

Mas se o exercito, por si só, não defende, desde o seculo XVI, a patria da invasão do estrangeiro, mas se, olhando para a historia, vemos que o exercito, por uma vez que se tem pronunciado, sempre em grande minoria, sempre tarde e a más horas, pela causa liberal, cem vezes tem esmagado todas as tentativas d'emancipação, todos os impetos de revolta justissima, todos os esforços, feitos a tempo, pela causa da civilisação e do progresso, d'onde vem essa cantata, e o que a explica, e o que a justifica, de glorioso exercito, de brioso exercito, de heroico exercito portuguez?

Vem da estupidez. Vem do preconceito. Vem da falsa, falsissima idéa, da falsa, falsissima comprehensão de patria. Vem d'aquelle deploravel, d'aquelle funestissimo espirito de religiosidade, que leva a victima a beijar, humilde, submissa, abjecta, as mãos do seu algôz. Deus é justo se castiga o mau. Mas tambem é justo se castiga o bom. Deus é misericordioso se baixa os olhos sobre o triste. Mas tambem é misericordioso se os affasta duramente das dores que torturam o infeliz. Deus é cheio de amor e de candura se salva, ao pae afflicto, a vida do filho estremecido. Mas nada perde do seu amor, da sua candura, da sua grandeza moral, se manda a morte arrebatador os filhos todos d'um casal de justos, se manda o raio destruir a sua vivenda, se manda a chuva, a tempestade, o furacão assolar a sua herdade.

Vous êtes tous empoisonnés de patriotisme. Ah, não ha duvida nenhuma. Hervé dizia bem. Hervé tinha razão.

O soldado portuguez é para os portuguezes o primeiro soldado do mundo. O soldado francez é para os francezes o primeiro soldado do mundo. E assim o russo para os russos. E assim o allemão para os allemães. E assim o italiano, e assim o hespanhol, para os hespanhoes, para os italianos.

O glorioso exercito portuguez, dizem os portuguezes: O glorioso exercito allemão, dizem os allemães. E assim os francezes, os russos, os hespanhoes e os italianos. E a Senhora da Rocha mais milagrosa que a Senhora da Atalaya. E a Senhora do Pranto mais virtuosa que a Senhora das F. bres. E o Padre Eterno verdadeiro para os protestantes e falso para os catholicos, ou vice-versa. E a humanidade rebanho, seguindo na esteira que um dia tomou. E a humanidade sem pensar, a humanidade inconsciente, a humanidade besta.

A Igreja é a escolta do tyranno do tyranno da terra. São o freio, de que se serve o rico, o poderoso, o divino, para dominar e guiar a sua victima. Bestialisa a pelo mysterio, pelo dogma, pelo incomprehenhivel. Suggestiva a pela cerimonia, a festa de igreja, a parada militar, o incenso, o toque dos si-

A' morte

Agora, que a commutação da pena última ao criminoso Soleiland tem provocado em todos os países os mais variados e avariados comentários da imprensa burguesa, calha certo bordar sobre o assunto algumas considerações.

O direito de legítima defeza é um direito imprescritível e sagrado. Mas, para que assim seja, necessario se que elle se baseie sobre um principio não menos justo, que deve determinar os atos da nossa vida e que nem excecionalmente se deve pôr de parte. Esse principio é—a inviolabilidade da vida humana.

Nitido está que, uma vez atacados, não podemos deixar de defender-nos. Isso é uma questão elemental. Mas o que de forma nenhuma podemos sustentar, é que a sociedade procede em estado de legítima defeza quando faz desaparecer o desgraçado que, determinado ou pelas condições psicicas e plúsiologicas que constituem a sua capacidade individual, ou por causas occasionaes, ou ainda pelo meio ambiente, fêre, mais ou menos gravemente, qualquer dos seus membros. Isso apenas seria licito se outros meios não tivessemos de perseverar a sociedade das façanhas desses desequilibrados. Mas desde que os temos, desde que basta isolá-los para que se não tornem nocivos, o trabalho deve consistir em estudar a therapeutica do crime, porque, com a pena de morte, nenhum bem alcançamos, ao passo que cometemos um segundo crime, mais odioso que o crime individual, porque é um ato consciente.

A sociedade não tem o direito de matar, porque, matando, desrespeita o principio da inviolabilidade da vida humana. Só em nome desse principio pôde lançar mão ao assassino que contra elle atenta. Mas pretender, depois, arrancar-lhe a vida, é cair em flagrante contradicção tornando-se odiosamente culpada.

Nunca a estatística mostrou que a criminalidade é menor nos países onde existe a pena de morte. Pelo contrario. Nem isso seria para mim argumento plausivel porque não sou dos que entendem que os fins justificam os meios. Mas não é assim. A pena de morte não faz diminuir a criminalidade. E compreende-se facilmente porquê.

Desejar que a percentagem do crime seja menor, usando contra elle dessa arma, é o mesmo que sustentar que, cortando a rama a uma árvore que em determinado sitio faz sombra, a sombra desaparecerá. Claro é que a rama torna a crescer e, consequentemente, a ensombrar o logar. Enquanto daí se não tirar a árvore, arrancando o mal pela raiz, elle persistirá. O caso de querer diminuir o crime, punindo o criminoso, é muito semelhante a este, e ainda igualmente pueril, duma efficácia nula.

A embófia petulante dos livre-arbitristas, argumentando sempre unicamente, teimosamente, que atemos a consciencia de que somos senhores de nós mesmos, que poderíamos dizer tão bem eu quero, como eu não quero como eu quero o contrario (1), não é de valia bastante a destruir as conclusões práticas da sciencia moderna que mostra não ter o homem liberdade volitiva, não passando dum joguete do meio individual, meio social e meio cósmico, que são, no parecer dos filósofos modernos, os tres fatores geradores do crime. E é partindo da existencia do livre-arbitrio, a já velha e bolorenta doutrina do classicismo filosófico, que os legisladores condemnam a morte ou a trabalhos forçados por toda a vida, o desgraçado que—quantas vezes!—é a sociedade que impelle para o crime!

As forças atóvicas que impiedosamente imperam sobre o individuo, a conformação craniana, cerebral, o temperamento, a conformação do corpo, numa palavra, a maneira de ser de todo o organismo fisico conduzem-no

(1) A. Hamon—Determinismo e Responsabilidade—pag. 5.

Cartas de Lisboa

27 DE SETEMBRO.

Os jornaes republicanos, d'esta vez, não se entusiasmaram com as coleras do sr. Augusto José da Cunha, e fizeram bem.

Como se sabe, o sr. Augusto José da Cunha, interrogado por um redactor do *Seculo* e por outro do *Diario de Noticias*, deixou perceber claramente que estava disposto a abandonar a politica monarchica, não para se recolher á vida particular, mas para defender a politica republicana. Os jornaes republicanos, com a recente lição do sr. Dias Ferreira, e conhecendo muito bem os antecelentes do sr. Augusto José da Cunha, que já não é a primeira vez que se mostra disposto a trocar a politica monarchica pela politica republicana, não acclamaram o homem, não atiraram foguetes, não tocaram, como de costume, chamando os feis com alvoroço, a rebate nas suas varias capellinhas. Estou pasmado. Não os suppunha capazes d'um unico acto de juizo.

Andaram bem, porque o sr. Augusto José da Cunha, consultados os oráculos, fica, afinal, na politica monarchica. Não vai para o campo republicano.

De resto, sobravam e sobram os motivos não só para o sr. Augusto José da Cunha abandonar a politica monarchica, mas todos os Augustos José da Cunha imaginarios e possiveis. Tudo quanto se passa, tudo quanto se vê, é uma grande vergonha.

Eu bem me fartei de o dizer. Eu bem me fartei de o prevêr. Mas o que o berço dá, a tumba o leva. Quem é capaz de metter juizo na cabeça de quem nasceu sem elle? Quem o tentar faz figura de tolo, ainda por cima. E a prova tenho-a em mim mesmo. Para os inclitos chetes republicanos eu sou, pelo menos, um desorientado. Orientados, illuminados, elles. Coitados, bem se vê!

Só sente bem a falta da liberdade quem está costumado a goza-la. Só tem força para a readquirir, quando lh'a roubam, aquelle que se acostumou a apreciar-lhe as virtudes. Por isso nós diziamos aos republicanos: «Vocês empurram o João Franco para o caminho do despotismo? Querem no lá a todo o transe? Pois elle para lá irá, e a valer. Sem grandes hesitações. E vocês é que o pagam que ficam a roer n'um... osso.»

Assim foi. Seria preciso crear habitos de liberdade a este povo, que os não tem, que nunca os teve. Seria preciso educa-lo democraticamente, educação em que ninguém pensa, em que nunca ninguém pensou. Para isso, agitando constantemente e largamente todos os altos principios, para isso, sem abdicar deante de ninguém, sem fazer pactos com partido nenhum, conviria, no entanto, não tratar prematuramente a pontapé, antes da occasião, antes do tempo, aquelles que promettiam liberdades e que, na verdade, estivessem concedendo algumas liberdades.

João Franco seria um grande mystificador. A verdade é que começou por conceder mais algumas liberdades que os outros, sendo, todavia, recebido, desde as primeiras horas do ministerio, com uma hostilidade feroz pelos republicanos. Estava bem, muito bem, se estes tinham os elementos precisos para fazer uma revolução. Tinham? Então era habil empurrar o homem para o campo do despotismo. Não tinham? Então era tolice. Rematada tolice. Um despotismo provocado, sem séria reacção, é tudo quanto ha de mais desmoralizador. Cem vezes o dissêmos. Inutilmente. Somos um desorientado em face d'aquellas grandes cabeças dos chefes republicanos portuguezes.

Agora ali está. Assistimos a um espectáculo unico. Unico na vida dos povos modernos. Ao espectáculo d'um homem governar tranquillamente tendo contra si o

odio de todos os partidos, o odio de todo o mundo. Não é opposição, não é má vontade. É odio. Os partidos monarchicos tem-lhe mais do que má vontade. O partido republicano, que dispõe dos elementos mais perigosos, do povo, das multidões, tem-lhe um odio profundissimo. E, contudo, João Franco faz o que quer. João Franco governa tranquillamente. Pois ha, houve jámais coisa alguma n'esta terra que melhor demonstrasse a falta absoluta de educação publica?

Ainda haveria uma explicação se João Franco estivesse fazendo a tal dictadura que Bazilio Telles reclama para os republicanos, e que, evidentemente, não ha de valer muito mais do que esta. Pela nossa parte, já não vivemos de cantigas. Basta-nos olhar para os republicanos, vêr o que elles tem feito e o que elles fazem, para tirarmos conclusões exactas sobre o valor da sua futura dictadura. Mas, enfim, não havendo justificação, porque não ha justificação para dictadura nenhuma, ou seja feita sob o regimen monarchico, ou seja feita sob o regimen republicano, ainda haveria uma explicação para a tranquillidade que João Franco encontra deante de si se João Franco, realmente, estivesse praticando uma alta dictadura. Mas não ha nada mais mesquinho. Mais mesquinho por um lado. Mais attentatorio pelo outro. Sem um sério esforço para o fazer terminar. Correm os marchaes progressistas para Anadia. Corre o rei Calcinhas de Paredes de Coura para Lisboa. Mas mais nada. José Luciano vende muito bem os seus vinhos á sombra da sua influencia de chefe progressista. O rei Calcinhas faz um negociarrão com a manteiga de Coura á sombra da sua influencia de futuro chefe do Estado. E basta. Um negociante de vinhos, um negociante de manteiga não pôde ser, por mais que se matem, chefe revolucionario. Vender bem o vinho, vender bem a manteiga é, já por si, um ideal. Não cabem dois proveitos n'um sacco. O commercio sofre com as revoluções. Isto é um grande paiz de mercantes. Todos commerciam. Até os mais românticos! Mercantes uns, agiotas outros, todos sem ideal, sem sérias convicções, sem abnegação. É um pilha. É um venha a nós. Não ha um só d'esses chefes monarchicos ou republicanos que não viva regaladamente. Juntem isso á falta d'uma solida educação, que é rarissima entre os dirigentes de qualquer côr ou de qualquer partido, e comprehendem tudo n'um instante. Só se revolta o homem que sofre ou que se apaixonou pelos que soffrent. Como se hão de apaixonar pelos que soffrem os dirigentes da politica portugueza, da politica monarchica, ou da politica republicana, se, sendo já de natureza que só se apaixonam pelas pernas ou olhos das mulheres, unica paixão natural que se conhece n'este paiz, não tem a educação philosophica, a larga cultura social, que nobilita, que engrandece até ao sacrificio a paixão pelo ideal?

Os chefes republicanos em Portugal tem o desejo de revolta que resulta do espirito de facção. Unicamente esse. Tem a vaga aspiração d'um estado melhor que o actual. Mas—como o tem provado cem vezes e o provam a toda a hora—não tem o amor da verdade, da justiça, a ambição definida e nitida de profundas reformas sociaes. Não tem a paixão social, que é uma coisa muito differente da paixão de quadrilha. Portanto, não tem, não podem ter, a resolução deliberada, a coragem, a firmeza indispensavel ao verdadeiro revolucionario. Por outro lado são ricos, uns, são empregados com altas remunerações, outros, exercem profissões rendosas, ainda outros, isto é, vivem todos, ou quasi todos, excepção feita d'um ou dois, não só sem privações, como, até, regaladamente. Que admirar, pois, que elles não se empenham tenazmente na obra da revolução?

«Mas isto, dizia-me ha dias um sujeito, não pôde continuar assim. É impossivel. Não o quero acreditar.

Qualquer dia rebenta para ali alguma coisa.»

Pôde ser. Quem sabe até se os altos poderes o estão provocando? Quem sabe? Não desagradaria nada a sua magestade viver mais quinze annos descaçado. Depois do 31 de janeiro teve 14 ou 15 annos de folga. Pois não vinham do céu mais outros quatorze, mais outros dez annos, que fossem, de absoluta tranquillidade?

Quem sabe se os altos poderes do estado desejam uma manifestação? Quem sabe se a provocam?

Elles conhecem muito bem, ou tem obrigação de os conhecer os nossos conspiradores profissionais. Sabem de quanto é capaz o seu talento de conspiração. Ao mesmo tempo estão preparados. Lá isso estão. Quem sabe se em tudo quanto se passa não ha, no todo ou em parte, uma provocação? Quem sabe?

A monarchia portugueza já não vive, já não pôde viver senão de expedientes. E esse, a ter, como tem, probabilidades de bom exito, seria um expediente á altura da situação. Não ha duvida.

E com esse plano se poderia, até, conjugar a propaganda que, por conta do governo, se vem fazendo insistente na imprensa estrangeira, propaganda na qual predomina a nota de que a dictadura se justifica por o paiz se ter tornado ingovernavel.

Não. Eu não creio que as coisas se tornem sérias. É certo que as circumstancias são de natureza a justificar um solemne desaggravamento. Uma dictadura, que tem por acto culminante os adeantamentos, é uma dictadura affrontosa. Mas os monarchicos não se mexem, nem tem n'isso grande interesse, porque bem sabem que a dictadura não irá, segundo todas as probabilidades, além do proximo dezembro. E os republicanos, coitados, alem de acordarem tarde, não se esquecerão de que a monarchia está, mais do que nunca, preparada. Os republicanos jogariam uma cartada perigosissima, com todas as probabilidades de perder.

No entanto, Deus super omnia, como diz o Borda d'Agua.

C.

FESTAS

na Costa Nova e na Barra

Se o tempo o permittir, devem ser muito concorridas estas duas tradicionaes festas, que se realisam hoje e amanhã.

Por tal motivo, a empresa da praça de touros do Pharol dará duas touradas, com gado de Alberto Vaz, da Carapinheira, sempre muito escrupuloso em servir bem.

CONGRESSO PERMANENTE

DA HUMANIDADE

Este Congresso organizado em Paris em 1900 vai realizar n'este anno as suas sessões de outomno nos dias 22, 23 e 24 do proximo mez de outubro.

O seu programma consiste em tornar-se, pela sua accção permanente e universal, um dos symbolos da solidariedade humana, intelligente e fraternal, em marcha para a realisacção do bem estar, de perfeição e de felicidade para todos sem excepção; isto é, o Congresso de tudo quanto diga respeito ao bem da Humanidade inteira que ella propria deve atingir para se constituir na alegria de viver, sem differenças de sexo, de castas, de classes e de nacionalidades, no respeito e na obediencia ás leis que acabarão por serem eguaes para todos, qualquer que seja o logar em que o ser humano habite.

Entre os varios e interessantes assumptos que prenderão nas proximas sessões a attenção dos congressistas figura a origem e o destino da humanidade, o dever, a educação, o amor, o progresso, a politica, a justiça, a hygiene, a guerra, os aerostatos dirigiveis, o futuro da mulher, etc.

São presidentes honorarios do mesmo Congresso o presidente dos Estados Unidos, Theodoro Roosevelt, e o rei Oscar II da Suecia, e presidente effectivo o barão de S. Jorge d'Armstrong, casado com a filha do fallecido consui portuguez em Paris, Augusto de Faria. Um dos membros do Conselho supremo é o general portuguez, Constantino de Brito, e fazem parte tambem d'aquella humanitaria instituição os nossos compatriotas, Fernão de Botto Machado, e o tenente coronel Raphael das Dôras.

nos, o rufar dos tambores, o troar dos canhões. E tanto basta para que a victima aclame o exercito e se descubra reverente deante da Igreja.

Proclamou-se um dia o grande serviço das religiões. O rebanho, sem excepção dos que se dizem sábios, ficou o proclamando eternamente.

Proclamou-se um dia a santidade da patria. O rebanho ficou a proclamando eternamente. E nem bastonadas, nem martyrios, nem hecatombes, nem quédas repetidas no abysmo, fizeram com que o rebanho levantasse a tromba do chão e deixasse de caminhar pelo trilho seguido.

Sem que fizessem excepção á regra, na sua grande maioria, os proprios que se dizem sábios, os proprios que se arvoram, que se arvoraram em guias.

Ah, humanidade inconsciente!

Ah, humanidade besta!

Trabalho artistico

Foi no domingo entregue ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, o primoroso diploma cinzelado em bronze e que esteve por alguns dias em exposição na tabacaria «Havaneza» do sr. Bernardo Torres, aos Arcos.

O diploma, é, conforme temos dito, de socio benemerito, conferido pela Sociedade Recreio Artistico.

O superior trabalho de que vimos falando, foi pena não ter estado em exposição no Porto e Lisboa, onde seria apreciado com verdadeira competencia, por artistas de gosto e arte, que saberiam dar o devido valor a um trabalho tão perfeito e distincto, que muito honra o seu auctor, um modesto mas intelligente artista, nosso patricio residente no Porto.

Receba o sr. José d'Azevedo Leite Junior os nossos parabens pelo seu soberbo trabalho, que se pôde chamar uma verdadeira joia d'arte.

SEMANA LISBOETA

No proximo numero abriremos esta nova secção com o mesmo alvoroço que têm os provadores de bom vinho ao abrir-se casco novo. Perdão! Não se julgue que, estando proximo o S. Martinho, fazemos réclamo a alguma adéga recém-nascida. Não senhor! Chamamos a attenção dos leitores do «Povo de Aveiro» para a *Semana Lisboaeta*. Bom é que nos apresentemos para mais familiaridade. Temos umas linguinhas de prata. Somos um pço de segredos. Tivemos a dita de encontrar a fórmula de conhecer os homens pela exteriorisação. Por maiores comediantes que sejam não conseguem escapar ás nossas quatro retinas experimentadas. (Para não dizer seis, porque um de nós usa lunetas. Comprámos duas pennas que deslisam sobre os linguados como os da glissagem do Paraizo de Lisboa. O papel consente tudo. O nosso director não se importa... estão a vêr: escriptores, jornalistas, artistas e politicos que andem por fóra das calhas saberão o porquê do descarrillar. Temos um critério alimentado á nossa custa. Não emprehamos pelos ouvidos. N'esta secção faremos tábua rasa de todas as nulidades com taboleta acreditada. Elevaremos os que pelo seu talento e erudição estão ao decimo da mesquinhez nacional.

E até domingo.

Nós dois.

Pesca

N'estes ultimos dias tem havido grande quantidade de pesca nas nossas costas. O milheiro da sardinha tem regulado por 1\$200 reis.

Quereis possuir a melhor bicycleta do mundo? Comprea OSHOND.

num determinado sentido, ao passo que as condições mesológicas, a educação, a instrução, os usos e costumes da coléctividade ambiente, as condições da vida económica, intelectual, moral, (1) exercem sobre elle uma força invencível, dando-lhe portanto um grau de inteira irresponsabilidade.

E em vez de estudarem a therapeutica do crime querem diminuir a criminalidade punindo, castigando, reprimindo! Sempre a odiosa vingança!

Ah! eu disse acima que havia puerilidade! Não ha puerilidade, não. Ha maldade! A mais refinada maldade! Ha instintos de ferocidade selvagem! Ha sede insaciavel de sangue! Ha o desejo intenso d'aumentar o sofrimento humano! Não ha puerilidade, não ha estupidez, não! Ha só maldade, sempre maldade, a mais refinada maldade!

Se, no caso Soleiland—um degenerado que é, incontestavelmente, uma organização patológica—olharmos por um momento a attitude dos abjetos, ignobes escribes que no seu papel de orientadores da opinião e fatores do progresso desde o dia do crime—que a sua adjetivação grosseira tornou mais horrendo—não fizeram senão pedir, em termos duma ferocidade insuperavel, a morte do miseravel delinqente, excitando a multidão e exigindo em nome da sociedade, a cabeça do célebre tarado para depôr em holocausto á humanidade, seremos dolorosamente contristados.

Toda a réles escumalha dos canos de exgoto do jornalismo profissional, desde o reporter sebento, pormenorizando cuidadosamente os detalhes mais proprios a excitar os nervos e provocar movimentos de impaciencia á multidão irrefletida, até ás rezas de negocio, os mercenários vilões cuja penna traça, a troco d'algumas moédas do vil metal sonante, dúzias de linhas pedindo sangue e sofrimento, todos os que exercem os grandes e pequenos cargos na hierarquia jornaliqueira, todos á uma correram lesto a bramar, indignados e revoltos contra o presidente da republica que comutou a pena de morte em trabalhos perpétuos na Guyana!

Essa feroz canalha que tem abandonado a Imprensa, fazendo de tão bela instituição uma fonte de immoralidade, antro vulgar de malandrins de casta, nunca gastou os recursos da sua intelligencia apoucada, em protestar, em nome da Humanidade, contra os assassinatos legais! Nunca os agalados da cohorte plumitiva escreveram, como agora, palavras de indignação e de revolta, quando se trata de combater com energia os assassinos que dia a dia legalmente se praticam no mundo! Nunca contribuíram com o mínimo esforço para a miminação do sofrimento humano! Nunca lhes mereceram protesto veemente as grandes iniquidades sociais! Não têm palavras de justiça para as vítimas que poderosas causas determinantes arrastam ao crime! Não! «A morte! Monstros deste quilate não têm o direito de viver!»

A morte! é o seu grito, o grito de todas as feras, que são potente, jorrando sangue e dôr, do seu coração pervertido!

Ah! como Soleiland, o Soleiland desequilibrado e mau, lhes é ainda superior!

A morte! grita a grande imprensa!

A morte! gritam as cocottes!

A morte! gritam as mães de família! (As mães..., a ignorancia..., a tradição!)

A morte! grita, finalmente, todo o obsecado conservantismo!

E' puerilidade? E' estupidez? Não! E' maldade, só maldade, a mais refinada maldade!

Como isto denota bem o estado psicologico de grande parte dos nossos contemporaneos!

HOMEM CHRISTO, Filho.

(1) Idem—prefácio.

Artigos photographicos,
POR PREÇOS MODICOS,
Vendem-os Felix, Filhos
A VEIRO

Perdoar á força!

Emfim! Soleiland está salvo! Fallières não quiz a sua vida presidencial enodada com o sangue que espirrasse da guilhotina como a lembrar-lhe a falta de benemerencia.

Mas não se julgue que Fallières perdoou n'um impeto do seu coração ou que este o apouquenteasse até vêr a penna cahir no papel absolvendo. Não senhor!

Fallières perdoou levado pelas humanas reclamações que partiam de todos os lados da França. Fallières foi determinado pelas circumstancias a poupar uma vida, embora lhe repugne o ente absolvido. E tanto áceo tem por Soleiland que se não fosse outr'ora ter escolhido columnas e columnas de prosa ataviada de romantismo, ainda assim talvez o pobre degenerado jámais pudesse contar com a vida.

Fallières não acredita no determinismo que torna o homem juguete de todas as anormalidades e normalidades. Vê em Soleiland um criminoso por bem querer, e do seu intimo, de boa vontade, partiria a sentença guilhotinando. No seu entender a cabeça do sudiado cahindo no cesto ignominioso seria um livro aberto que em enormes caracteres fosse imudo em fóra qual Evangelho prohibir crimes eguaes!

Com um certo verniz scientifico, Fallières conserva dormindo no fundo da sua consciencia o espirito de religiosidade que accusa Soleiland como criminoso dilectante.

Só quem possui o espirito de religiosidade consegue vêr os factos sociais como o presidente os está vendo. D'ahi a repugnancia com que Fallières perdoou Soleiland.

Fallières indultando agora aboliu de vez a pena de morte em França. E aboliu porque, custa a crêr, ha jornas que na fébre d'um perigoso conservantismo dizem: «Fallières jámais poderá mandar executar alguém. Esta absolvição exauctorou-o. Quem perdoou os crimes de Soleiland sanciona a existencia de todos os bandidos!»

Quem assim deita ao mundo náos de atrazo intellectual não admira que faça com que uma multidão se dirija ao Elyseu bramando indignada pelo perdão dado!

E esta a imprensa que cria sectarios dos maiores insultos á dignidade humana!

O povo que em massa se dirigiu ao Elyseu não é o povo—povo, é o povo—escoria, a ralé sem consciencia do que faz, empurrada pelo que a sua imaginação phantasiou, indo até aos maiores desaeatos.

O povo consciente não segue a bandeira dos que tem interesses a defender; se alguma flâmula ergue é a da sua libertação e essa sobe tão alto que o povo—ralé jámais a alcançará.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

Um caso engraçado

Não deixa de ter pilheria a seguinte partida que um jornalista chinês acaba de fazer á respeitavel empresa do *New-York Herald*, segundo nos contam com toda a formalidade os mais sinceros diarios americanos e inglezes.

Parece ser o caso que, tendo aquella empresa resolvido publicar diariamente duas columnas do *Herald* em caracteres chinezes, reproduzindo a sua informação telegraphica da guerra russo-japoneza, tomou ao seu serviço um chinês muito illustrado que se encarregou d'esta secção. O redactor em chefe do grande jornal mostrava-se cada vez mais satisfeito com a sua luminosa idéa, quando, de uma noite para uma manhã, desapareceram do *Herald* as duas interessantes columnas de monotonos monogrammas consagrados aos cavalheiros chinezes.

Que succederia? Não tardou em saber-se a causa.

Esta era nem mais nem menos que as duas columnas de noticias da guerra, em caracteres chinezes, haviam sido acompanhadas diariamente do seguinte curioso aviso tambem nos mesmos caracteres:

«Este diario é impresso por infames cães christãos e pertence a um canalha tambem christão. Nem sequer merece, portanto, que os Chinezes lhe cuspan em cima. Se algum compatriota ou irmão deseja saber o que succede na nossa patria, deve assignar o unico jornal que n'esta cidade publicam, imprimem e vendem os Chinezes, no n.º 27 da Pel-le Street.»

Em Nova-York toda a gente se ri ainda da frescura do honrado escriptor celeste.

A Comedia das opposições

As opposições monarchicas estão dia a dia a reunirem-se, fazendo depois grande alarido do que se lá passa, com grandes reservas para os assumptos mais melindrosos, averiguando-se depois que é tudo um tapa-olhos, que é tudo para... *inglez vêr.*

Quando se deixarão d'estes tristes espectaculos e entram na questão a sério, a valer, sem considerações nem preconceitos, para quem os nunca teve, nem jámais terá, com quem os devia ter?

CARTA DA GAFANHA

Setembro—1907.

MEUS AMIGOS.—Foram mal informados ácerca da area territorial que deve occupar a futura parochia da Gafanha, a que o *Povo de Aveiro* se referiu ha dias. Segundo informação que tenho por fidedigna, os limites serão pelo norte a estrada da Costa Nova-Ilhavo desde o extremo ponte d'esta estrada, seguindo até á matta do governo, perto da Escola do Tiro, e descendo d'aqui para o Nascente em anglo aberto até ao sitio da Romelha a tocar na margem do rio, quasi em frente do limite do concelho d'Aveiro. D'aqui, o resto da area está naturalmente indicado, e circumscripto pela ria, desde Romelha, contornando quasi em semi-circulo até á Barra, Pharol e Costa Nova.

E' portanto a estrada da Costa Nova-Ilhavo um dos limites da freguezia. Sendo esta cortada quasi ao meio pela estrada districtal n.º 71, essa circumstancia prepondera evidentemente ácerca do local onde deve ser construido o templo para a matriz, isto é, ao sul da referida estrada, que é uma arteria de largo movimento, sobretudo na epocha balnear que coincide com os trabalhos piscatorios do littoral, servindo as tres praias de S. Jacintho, do Pharol e da Costa Nova.

Segundo ouvi, os mais cotados tranfos locais da actual situação empenham-se em satisfazer as aspirações d'este povo, inspirando-os ainda mais largas vistas. Não serei eu que me faço echo intempestivo d'essas reservas, que eu aliás desejaría ver coroadas do melhor exito.

A Gafanha, que está atrazada um quarto de seculo material e intellectualmente em relação a outras povoações analogas do concelho d'Aveiro, só tem merecido ao seu concelho o mais profundo desdem. E todavia, sahe d'aqui todo o anno um volumoso caudal monetario que vae engrossar os cabedaes da Fazenda, do municipio, da parochia e até do commercio da villa. Só em tempo de eleições é que este burgo recebe visitas ceremoniosas, á capta de votos, em troca de... promessas.

Chuvás

Com as ultimas chuvas terminaram por este anno os serviços marnotaes, da fabricação do sal.

A produção foi regular, superior á do anno passado, vendendo-se actualmente o wagon por 22:000 reis, posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

A lingua do futuro

Acaba de constituir-se, em Madrid, o Grupo Central Esperantista para fomentar o idioma auxiliar Esperanto. Entre os esperantistas d'ali, causou excellente impressão a noticia, e immediatamente se inscreveram centenaes de socios do Centro.

O presidente, Perogoria, que assistiu ao congresso esperantista recentemente celebrado em Cambridge, na Inglaterra, recolheu interessantes noticias e dados para o desenvolvimento d'este idioma auxiliar em Hespanha. Por isso, um dos espectaculos mais atrahentes foi a representação, em lingua esperanto, d'um graciosissimo a proposito «arrelo» d'uma novella de Dickens, intitulada «Bardell contra Pickwick», interpretada por actores que pertenciam a nove nacionalidades diversas. Apesar d'isto os espectadores não perderam uma unica palavra da peça, comprehendendo-a perfectamente.

Os congressistas relataram ao Congresso que o esperanto se fala já em quasi todas as nações—excepto em Portugal—tendo-se ramificado consideravelmente na Roumania, Bulgaria, republicas americanas e sociedades da Cruz Vermelha.

TRENS DE ALUGUER

DE LUTHARIO HOMEM CHRISTO

Com cocheira provisoriamente á ponte da Cobadeira, com frente para o lado do caes, e frente para o Largo dos Santos Martyres.

PROTESTO

Os abaixo assignados, tendo em vista o procedimento correcto e a maneira, como a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Adelaide Moreira, digna chefe da Estação Telegrapho Postal d'esta villa, tem cumprido os seus deveres officiaes, usando do maior respeito para com todos os habitantes de Albergaria, que nenhuma razão de queixa tem para com a distincta senhora, protestam contra a noticia inserta no n.º 336 do *Correio de Albergaria*, na 1.^a columna da 2.^a pagina, onde se fazem referencias menos verdadeiras á referida senhora.

Albergaria-a Velha, 16 de setembro de 1907.

(aa) Sousa e Mello, estudante da Universidade e escriptor; Francisco Marques de Lemos, pharmaceutico e proprietario; José Homem d'Albuquerque, medico municipal; Francisco Augusto da Silva Vidal, proprietario e capitalista; Manuel de Lemos, medico e proprietario; Eduardo Silva, advogado e professor do Lyceu de Aveiro; Amandio de Miranda Cabral, escriptor notario; Bernardino Corrêa Telles d'Araujo Albuquerque, delegado; Abel Corrêa da Silva Portal, advogado e conservador; Francisco Antonio de Miranda, advogado; Christiano Vicente Leal, pintor-retralista; Manuel Machado, empregado de Fazenda; Antonio Marques Pereira, negociante e proprietario da *Central*; Joaquim Moreira da Silva, proprietario e capitalista; Fernando Henriques Pinheiro, correspondente do *Commercio do Porto* e *Diario de Noticias*; João Pedro Ferreira, pharmaceutico; Joaquim Antonio Ferreira, professor official; Joaquim Bastos de Figueiredo, amanuense da administração; Manuel Moreira, negociante; Joaquim de Lemos Pinheiro, empregado de Fazenda; Columbano Machado, empregado na administração; Pedro Tavares Lopes de Carvalho, barbeiro; Manuel Dias Aydos, proprietario e escriptor-notario; José Gil de Lemos, empregado superior de Fazenda; Americo Marques Pereira, empregado commercial; Leandro de Sousa Ribeiro, aprendiz d'alfaiate; Germano d'Araujo, proprietario e secretario da Camara Municipal; Silverio Nunes da Silva, marceneiro; José Ferreira Vidal, negociante; Antonio Alves Ferreira, empregado publico; Alberico de Lemos, negociante de moedas; José Raymundo, alfaiate; Ezequiel Ferreira da Silva, alfaiate; João Nunes Nobre, barbeiro e agente do *Mundo* em Albergaria; Manuel Martins, alfaiate; Antonio da Silva Geraldo, negociante; Manuel d'Oliveira Campos, proprietario; João Tavares d'Oliveira Junior, proprietario; Antonio da Silva Gordo, negociante; Gil da Silva Lopes, thesourceiro da Camara Municipal.

Advertencia.—Os ex.^{mos} srs. drs. Antonio Victor Lemos da Rocha, meritissimo Juiz da comarca, e Raul Telles d'Abreu, digno delegado, declararam não poder assignar o presente protesto, na sua qualidade de magistrados, mas, apesar d'isso, são concordes não só em abonar as melhores referencias á pessoa da ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Moreira, como tambem a prestar quaesquer esclarecimentos que porventura lhes pçam.

A ponte das portas d'agua e a ponte da Gafanha

Dizem-nos que estas duas pontes ameaçam ruina e que tem sido uma felicidade não ter ainda succedido alguma desgraça. No entanto, consente-se carros e automoveis cheios de povo a passar por cima d'ellas com toda a velocidade!

Como tudo se destrae, como tudo se ri sem olhar aos perigos que de todos os lados se offerecem á humanidade!

Abençoada gente!

Quereis fazer uma longa viagem, sem vos fatigardes? Compreae a bicyclete—«A OSMOND»

PUBLICAÇÕES

Para as Crenças.—Recebemos o n.º 82 d'esta interessante publicação de que é directora a talentosa escriptora D. Anna de Castro Osorio, que tem prestado relevantes serviços á educação nacional, mormente á educação das crianças, e é uma das primeiras figuras do nosso meio litterario.

Não se comprehende facilmente o motivo porque a grande maioria dos páes não assigna para seus filhos esta publicação utilissima, que deleita á imaginação das crenças despertando nellas o gosto pela leitura. Oxalá o numero dos seus leitores vá aumentando, porque isso indica que vai subindo o nivel intellectual deste país que, ainda hoje, é infelizmente tão baixo.

A Nossa Patria.—Continúa publicando-se regularmente este bello jornal illustrado de que é director o sr. Alberto Bessa, nome demasiado conhecido entre nós para que necessite referencias. O ultimo numero d'*A Nossa Patria*, como sempre muito bem redigido, vem profusamente illustrado.

Um achado importante

Nas catacumbas dos reis do Egypto descobriu ultimamente um archeologo inglez, o sr. Theodoro Davis, o mais rico deposito de antiguidades egypcias de que ha noticia até hoje.

E' um tunulo encontrado quasi accidentalmente e que não foi aberto desde o tempo da 10.^a dynastia, isto ha mais de 3:000 annos.

Sob um montão de ruinas que despertaram a curiosidade do explorador, encontraram os trabalhadores uma galeria pela qual penetraram n'uma camara sepulchral de 15 de largura sobre 30 de comprimento e oito de altura.

A esquerda estavam dois sarcophagos pintados de preto e outro dentro dos quaes havia mummies de um homem e de uma mulher.

Os caixões eram duplos com a parte externa completamente folheada de ouro excepto do lado para onde estavam voltados os rostos das mummies e tendo o interior todo forrado de preto.

Em volta dos sarcophagos a camara estava juncada de amphoras pretas ao chão, cheias de vinho e oleo aromatico, e de vasos em forma de conchas feitas de madeira preta, contendo porções de carne cozida, cuidadosamente embrulhada em tecido fino de seda preta.

Mais adiante estava um carro, bastante amplo para conter duas pessoas, ricamente pintado, e com incrustações de ouro.

Tudo quanto era de coiro achava-se admiravelmente conservado, parecendo inteiramente novo.

Perto do carro viam-se quatro jarros de alabastro, do mais primoroso trabalho egypcio, e duas amphoras tambem de alabastro com algas ricamente esculpidas.

N'um canto do sepulchro encontrou o sr. Davis diversos objectos pequenos, entre outros, sete pares de sandalias, sendo um de coiro estampado, e os demais de papiro, dos quaes um dourado. Havia tambem cadeiras admiravelmente feitas, caixas lindissimas, objectos de madeira pintada cujas cores conservavam toda a intensidade das novas.

Comquanto ja se tenha achado separadamente objectos tão preciosos como esses, nunca até então se havia encontrado reunida uma colleção artistica d'este genero.

O carro é uma perfeição de belleza, e de forma unica; n'um estado de conservação surprehendente. Até as guarnições de madeira, nas rodas, estão perfectas.

Esta colleção traz um grande auxilio á sciencia quanto á historia da 18.^a dynastia, e á gosto do gosto artistico dos antigos egypcios.

Para o historiador que deseje fazer uma descripção exacta e minuciosa dos habitos e vestuarios dos reis d'aquella epocha, esta descoberta é de valor inestimavel.

O mais interessante é que o sepulchro mostra ter sido, pouco depois de construido, visitado por ladrões que fugiram antes de verificar a quantidade de prata, ouro e pedras preciosas que havia.

AO PUBLICO

SUCCURSAL DA PADARIA

DOS

ARCOS NA COSTA NOVA

MANUEL Burreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abriu uma succursal na sua casa na Costa Nova (proximo á Motta) onde o publico durante a epocha balnear encontrará a qualquer hora do dia PAO DE FINA QUALIDADE e generos de mercancia, taes como: assucar, chá, café, arroz, massas, vinhos finos, cerveja, e outras bebidas; tudo por preços modicos.

FABRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE **CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO - R. DA ALFANDEGA
AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 55000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia pratico e theorico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripita**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Critica**..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS
— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUCCOES

DE **Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agria e macia, e contraria ás saulhas. Adóbos de parede, muro, menlões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as comodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um carretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feltios quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO **ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todós os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importância, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

TYPOGRAPHIA
— DO —
POVO DE AVEIRO
— DE —
Accão de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de plantelista, proprios para obras de luxo. Entregamos-nos, portanto, de toda a obra de imprensa, fazendo a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas secas, chourissos do Alentejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relgios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETTES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relgios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relgios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.